



Por uma crônica abusada¹

Alliny Cristhiane Freitas de ARAÚJO²
André Azevedo da FONSECA³
Universidade de Uberaba, Uberaba, MG

RESUMO

A princípio, a crônica “O mundo transpira sexo” foi produzida para a veiculação em um fanzine artesanal do curso de Comunicação Social, sob a orientação do professor. Na “reunião de pauta” os assuntos não foram estipulados a priori e os estudantes ficaram livres para escrever sobre o que quisessem. A idéia de abordar o sexo como assunto principal foi inspirado em um forte questionamento quanto aos preconceitos e aos tabus ainda existentes. Por isso, decidiu-se usar uma linguagem irônica, atrevida e bem humorada para provocar os leitores e levar a imaginação ao último limite entre a sátira e a vulgaridade. Para isso, fizemos uma paródia radical do comércio da sexualidade em revistas de celebridades, em propagandas televisivas, em filmes e novelas, mencionando de forma explícita nomes de personalidades em situações hipotéticas.

PALAVRAS-CHAVE: sexualidade; celebridades; fanzine.

INTRODUÇÃO

A crônica é um gênero jornalístico que costuma proporcionar muita liberdade ao escritor para a exposição de todo e qualquer tipo de pensamento. Ela não engessa o autor em um paradigma pré-fabricado. Se os modelos de redação jornalística convencionais contribuem para a agilidade do processo de produção de notícias, a consequência é que o texto tende a ficar excessivamente padronizado, até pela falta de oportunidade de ousar ou de ser autêntico. Quando existem muitas regras a serem seguidas, a criatividade fica limitada pela busca exaustiva da obediência à norma. As preocupações excessivas para encaixar o conteúdo em um modelo tendem a delimitar o fluxo do pensamento, colocando em primeiro lugar o molde e deixando para segundo

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Opinativo.

² Estudante do 5º período de Comunicação Social / Jornalismo na Universidade de Uberaba.

³ Professor orientador. Docente no curso de Comunicação Social e coordenador do Memorial Mário Palmério na Universidade de Uberaba (Uniube). Especialista em História do Brasil e doutorando em História na Universidade Estadual Paulista (Unesp/Franca). Autor de *Cotidianos culturais e outras histórias: a cidade sob novos olhares*. (Uniube, 2004). <http://azevedodafonseca.sites.uol.com.br>



plano as idéias. Acreditamos que, nesse contexto, as condições para a escrita criativa ficam comprometidas.

Talvez, por isso mesmo, a crônica seja o gênero ideal para discutir assuntos delicados ou eminentemente subjetivos. É comum que ela desperte no leitor algumas sensações que o próprio autor sentiu no momento da escrita, porque este gênero procura criar, de modo deliberado, uma relação de intimidade entre ambos. Livre, escreve-se sem amarras e, portanto, pode-se dar vida a toda imaginação literária, sem se preocupar com o princípio da imparcialidade, sem se ater ao compromisso jornalístico de “mostrar os dois lados” – tal como deve ser feito numa notícia convencional.

Quem escreve crônicas costuma revelar muito da sua personalidade e visão de mundo. É quase como se estivéssemos num diálogo real, num debate de opiniões acerca de um assunto. Algumas vezes você concorda, em outras discorda completamente, mas em todas elas se estabelece um pensamento crítico a partir do que se leu. Além do mais, por ser contemporânea e por explorar o cotidiano, a crônica tende a analisar algo que afeta diretamente quem lê, aumentando essa sensação de proximidade.

Jorge de Sá (1997) define a crônica como sendo um gênero híbrido que oscila entre a literatura e o jornalismo, resultado da visão pessoal, particular e subjetiva do cronista perante um fato qualquer. Ressalta que é uma produção curta, redigida numa linguagem descompromissada, coloquial, muito próxima do cotidiano do leitor. Por ser híbrida, pode seguir qualquer direção, sem medo de errar o caminho. Por tender à literatura, pode tranquilamente utilizar os sentimentos como matéria-prima para a produção do texto. E pelo fato de muitas vezes fundamentar-se em notícias jornalísticas, pode contribuir para a compreensão crítica das informações.

Segundo Marina Cabral (s/d), especialista em Língua Portuguesa e Literatura da Equipe Brasil Escola, a crônica pode receber diferentes classificações: Lírica, humorística, crônica-ensaio, filosófica e jornalística. Na categoria lírica, o assunto é exposto com nostalgia e sentimentalismo. Quando humorística, o autor opta por ridicularizar as rotinas dos seres humanos. Já a crônica-ensaio tece críticas ao que acontece nas relações sociais e de poder. A filosófica tende a refletir sobre o assunto



exposto e a jornalística apresenta aspectos particulares de notícia e pode ser policial, esportiva, política e etc.

Segundo essa definição, enquadraríamos a crônica analisada em duas classificações. Humorística, por tratar do sexo de uma forma leve e divertida, tentando diminuir o peso do tabu ainda envolto no tema; e crônica-ensaio, por fazer críticas ao uso abusivo da relação entre sexualidade e *marketing*, aos clichês que ainda abordam o assunto de uma forma deturpada e aos falsos moralistas que preferem ignorar as questões relacionadas à sexualidade.

2 OBJETIVO

O objetivo da crônica é estabelecer uma discussão sobre o desejo sexual através de uma carnavalização de referências da mídia. A linguagem debochada se justifica pela necessidade de sacudir o senso comum e causar a sensação de estranhamento no leitor.

3 JUSTIFICATIVA

A crônica contribui para a discussão de temas que a objetividade do jornalismo não é capaz de fazer. A liberdade da crônica ajuda a pensar os temas de forma libertária. Como já argumentamos em um trabalho, o jornalismo precisa encontrar fórmulas para ler o mundo não apenas através de uma perspectiva analítica e racional, mas “por meio de olhares afetivos, carinhosos e amorosos, capazes de, entre piscadelas cúmplices, tecer um texto vivo e caloroso que não tem medo de se emaranhar nas teias dos contatos humanos.” (FONSECA, 2004, p. 11)

Do mesmo modo, já tivemos a oportunidade de defender, em um estudo sobre a aplicação da pedagogia de Paulo Freire no ensino de Jornalismo, que é preciso ter consciência de que toda captação que o ser humano faz dos dados objetivos da realidade é eminentemente crítica e jamais se configura apenas como um reflexo da realidade.

Assim, enquanto sujeitos históricos, o homem e a mulher não são um reflexo do mundo, mas sempre uma reflexão sobre ele. Nossa imagem de mundo jamais é uma cópia da realidade, pois nossos propósitos direcionam nossa inteligência e encaminham o raciocínio procurando encaixá-lo a fins moldados a partir de decisões anteriores fundamentadas na livre escolha pessoal – ou seja, a partir de



definições éticas e políticas. Enquanto sujeitos recriadores de sua própria cultura, produtores (e não meros reprodutores) de sua própria sociedade, não cabe aos homens e às mulheres refletir *a* realidade, mas refletir *sobre* ela, participando de sua permanente reelaboração, contribuindo na cotidiana reconstrução da verdade que, por ser humana, é um projeto inacabado e em constante reinterpretação. Em outras palavras: a realidade é histórica (FONSECA, 2005, p. 8).

Deste modo, a utilização da crônica se faz imprescindível para discutir esses temas com um olhar crítico e inovador. E, por fim, já defendemos também, no âmbito do Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo, a utilização de fanzines para o estímulo da produção experimental em jornalismo (FONSECA; VARGAS, 2009). Acreditamos que o caráter artesanal e libertário dessa mídia alternativa pode contribuir para a expressão criativa dos estudantes, sobretudo nos primeiros períodos do curso.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A escolha do tema partiu de um instinto irreprímível em discutir a sexualidade do século 21 de modo provocante e debochado. A idéia de usar a palavra “mundo” no título surgiu do interesse em indicar uma generalização, englobando todos os seres humanos na dita transpiração sexual. Ninguém pode escapar dessa regra geral, por mais pudico que se considere.

A lição de moral logo de início – vinculando o bom humor das pessoas à qualidade de suas relações sexuais – serviu como um gancho para o desenvolvimento de um texto nessa mesma linha de raciocínio, mantendo a leveza e o sarcasmo na sua extensão. A escolha pelo clichê “sexo, drogas e rock’n roll” não deixa de se apresentar como uma ironia em relação à hipocrisia que persiste sobre a discussão de temas relacionados à sexualidade, vinculando-a geralmente a atitudes rebeldes ou mesmo ilegais. O chavão sugere que, nas mentes conservadoras, transar pode ser tão prejudicial para a saúde como usar entorpecentes.

A seguir, a afirmação da felicidade advinda do sexo dá a entender que a prática traz inúmeros benefícios para os adeptos, inclusive a citada melhora da pele. Por ter sido garota propaganda do hidratante Monange, escolhemos Xuxa como a primeira “vítima”



da narrativa. Esse caso específico demonstra claramente o apelo sexual da publicidade, na qual a apresentadora aparece de roupão, sugerindo uma nudez, mostrando sutilmente o colo e passando as mãos besuntadas de creme por ele. Sabemos que, antes da fama, ela protagonizou um filme erótico com uma criança, mas nem por isso deixou de ocupar o cargo de Rainha dos Baixinhos. A notoriedade excessiva faz com que sua vida seja constantemente bombardeada por boatos, inclusive o citado na crônica sobre um possível relacionamento com a cantora baiana. Nos três episódios, a sexualidade é evidente.

A citação a Reynaldo Gianecchini foi inspirada em dois motivos principais. O primeiro deles diz respeito às fofocas sobre sua vida particular. Esses burburinhos abrem espaços para a menção da homossexualidade, colocada na crônica como uma opção sexual existente e que, por isso, deve ser englobada como outra forma de obter prazer. O segundo motivo se apóia na imagem do ator como galã, questionando a nítida intenção de mexer com a libido, trazendo atrativos físicos para suprir fantasias daquelas pessoas que o vêem nas telas.

Por fim, discutimos a utilização excessiva de ícones sexuais ou cenas eróticas em anúncios de sabonete, comida, cerveja, telenovelas, filmes e etc. Consumimos sexualidade todos os dias, de diversas formas, conscientes ou inconscientes, quer queiramos ou não. E de fato não existe nada mais natural e divino, uma vez que, sem o sexo, não haveria nem mesmo a propagação da espécie humana. Portanto, nada mais justo do que dar vivas a uma invenção fabulosa, repleta de vantagens, prazeres, que nos leva bem perto do paraíso e que existe desde que o mundo é mundo.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto final se constitui de uma crônica publicada em um fanzine artesanal, realizado sob orientação do professor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior experiência a que são submetidos os cronistas é a possibilidade de se conhecerem melhor como escritores, entender como funciona a sua criatividade, buscar



uma identidade própria sem imitar ou copiar um modelo pré-estabelecido, exercitando uma consciência crítica acerca de diversos assuntos que contemplam as necessidades e expectativas dos leitores. Ainda que algumas alternativas do jornalismo contemporâneo possibilite a maior abertura para temas da sensibilidade, tal como observamos, por exemplo, na proposta de Vargas (2003), a crônica é um gênero capaz de oferecer uma sedução irresistível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, Marina. A crônica. Brasil Escola. Disponível em:

<http://www.brasilecola.com/redacao/a-cronica.htm>. Acesso em: 31 mar. 2009.

FONSECA, André Azevedo da. **Cotidianos culturais e outras histórias**: a cidade sob novos olhares. Uberaba: Uniube, 2004.

FONSECA, André Azevedo da. Jornalismo para a transformação: a pedagogia de Paulo Freire aplicada às Diretrizes Curriculares de Comunicação Social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0561-1.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2009.

_____. O uso do diário virtual (blog) como portfólio digital: uma proposta de avaliação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29, 2006, Brasília. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0736-1.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2008.

FONSECA, André Azevedo da; DORNA, Camila Cantóia. Webfolio: central de blogs acadêmicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31, 2008, Natal. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2008. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2008/expocom/EXP-3-1103-1.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2009.

FONSECA, André Azevedo da; VARGAS, Raul Hernando Osório. O uso do fanzine como estímulo à produção de texto jornalístico. FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO, 12, 2009, Belo Horizonte, **Anais...** Brasília, FNPJ, 2009. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=509&cf=18>. Acesso em: 2 abr. 2009.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Autêntica, 1997.

VARGAS, Raul Hernando Osório. **O lugar da fala na pesquisa da reportagensai**: “O homem das areias”, um flagrante do diálogo oratura-escritura. 2003. Tese. (Doutorado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.